

METODOLOGIA E ENSINO DE FILOSOFIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

METHODOLOGY AND TEACHING OF PHILOSOPHY: CHALLENGES AND PERSPECTIVES

Diego Carlos Zanella¹

Isis Moraes Zanardi²

Luiz Ferreira de Almeida Neto³

Resumo

Esse artigo procura refletir sobre os desafios e as perspectivas de possíveis metodologias para o ensino de filosofia. Não obstante, o problema histórico da exclusão dos conteúdos filosóficos dos currículos escolares brasileiros durante a ditadura militar, ainda enfrenta-se a dificuldade dos próprios filósofos e professores de filosofia pensar metodologias para o ensino de suas atividades. Por fim, sugere-se a adoção da investigação dialógica como uma das metodologias mais adequadas para o ensino da filosofia.

Palavras-chave: Metodologia. Ensino. Filosofia. Desafios.

Abstract

This paper aims to think about the challenges and perspectives of possible methodologies for the teaching of philosophy. Nevertheless, the historical problem of the exclusion of philosophical content of school curricula during the Brazilian military dictatorship, it still faces the difficulty of philosophers and philosophy teachers to think methodologies for their own teaching activities. Finally, it will be suggested the adoption of a dialogic inquiry as one of the most appropriate methods for teaching philosophy.

Keywords: Methodology. Teaching. Philosophy. Challenges.

Introdução

Desde a recomendação de conhecimentos filosóficos e sociológicos necessários ao exercício da cidadania apresentada na Seção IV, Artigo 36, § 1º, Inciso III, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,⁴ também conhecida como *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*, e, posteriormente tornados obrigatórios pela Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008,⁵ os conteúdos mencionados acima vêm sendo regularmente ensinados no ensino médio brasileiro com o objetivo de desenvolver um senso crítico e reflexivo acerca das questões pertinentes ao

¹ Doutor em Filosofia (PUCRS). Professor do curso de Filosofia. Coordenador do subprojeto Filosofia - PIBID/capes - do Centro Universitário Franciscano. E-mail: diego.zanella@gmail.com.

² Acadêmica do curso de Filosofia. Bolsista do subprojeto Filosofia - PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: zanardi.m@hotmail.com

³ Acadêmico do Curso de Filosofia. Bolsista do Subprojeto Filosofia - PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: luizfilosofia@live.com.

⁴ Publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 23 de dezembro de 1996.

⁵ Publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 03 de junho de 2008.

exercício da cidadania. Não obstante, o ensino de filosofia e de sociologia permanece um desafio constante à educação básica brasileira, estejam esses conteúdos presentes em disciplinas não-obrigatórias, como, “educação para o pensar”, no ensino fundamental, ou, em disciplinas obrigatórias, como as de “filosofia” e de “sociologia”, no ensino médio.

1. Desenvolvimento

A obrigatoriedade dessas disciplinas não apresenta nenhum elemento facilitador nos seus processos de ensino e de aprendizagem. Muito pelo contrário, é vista, às vezes, como algo negativo e imposto no currículo do ensino médio brasileiro. A medida é vista como positiva pela comunidade filosófica brasileira, basta lembrar que o XV Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), realizado em outubro de 2012, em Curitiba, PR, discutiu publicamente, pela primeira vez, a inserção da disciplina de filosofia no currículo do ensino médio brasileiro. Esse dado apenas mostra a dificuldade que se enfrenta quando o assunto é ensino de filosofia e suas metodologias. A rejeição da filosofia como componente curricular da educação básica brasileira não pode ser vista apenas como um resquício da exclusão de sua obrigatoriedade durante o período do regime militar no Brasil, entre 1964 e 1985. Durante muitos anos, os próprios filósofos brasileiros se recusaram a pensar o ensino da filosofia, outorgando, assim, na opinião de Patrícia Del Nero Velasco, professora de filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC), a possibilidade de uma especialização em ensino apenas a programas de pós-graduação na área de educação. A mesma pensadora ainda enfatiza que há pressupostos filosóficos característicos ao ensino de filosofia, por exemplo, a própria identidade da filosofia. Nesse sentido, diferentes respostas a essa interrogação produziriam diferentes métodos de ensino.⁶ É nesse contexto que se apresenta a necessidade de se pensar e produzir metodologias adequadas e propícias ao ensino de filosofia, capazes de produzir os resultados apontados na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*, de 1996, isto é, “o pleno

⁶ Cf. YANO, C. “O desafio de lecionar filosofia”.

desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.⁷

Com o intuito de melhorar as condições da educação básica e motivar novos e futuros professores, o Ministério da Educação (MEC) do Governo Brasileiro juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) criou o *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*, instituído pela Portaria nº 72, de 09 de abril de 2010,⁸ que tem como objetivos:

- i) incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, apoiando os estudantes que optam pela carreira docente;
- ii) valorizar o magistério, contribuindo para a elevação da qualidade da escola pública;
- iii) elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições de educação superior;
- iv) inserir os licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- v) proporcionar aos futuros professores participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração o desempenho da escola em avaliações nacionais [...];
- vi) incentivar escolas públicas de educação básica, tornando-as protagonistas nos processos formativos dos estudantes das licenciaturas, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes.⁹

Dentro desse quadro de perspectivas, o subprojeto *PIBID/Filosofia*, do Centro Universitário Franciscano, adotou como eixo temático a proposta “*ensino de filosofia: metodologias em questão*”. Essa proposta procura desenvolver pesquisas de conotação teórico-práticas sobre metodologias possíveis para o ensino da filosofia como componente curricular da educação básica. Nesse sentido, o projeto procura construir uma identidade própria, promovendo a atitude investigativa, crítico-reflexiva e problematizadora ao relacionar os conteúdos da disciplina com a realidade sociocultural do aluno e da escola, tendo sempre em vista as finalidades que devem ser atingidas com a disciplina. Desse modo, com o

⁷ Art. 2º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

⁸ Publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 12 de abril de 2010.

⁹ Portaria nº 72, de 09 de abril de 2010, p. 26.

desenvolvimento de subsídios teórico-metodológicos para a qualificação da prática pedagógica do futuro professor, o subprojeto *PIBID/Filosofia* está estimulando a criação e a produção de metodologias específicas para o ensino de filosofia, isto é, está capacitando o futuro professor com ferramentas capazes de problematizar e refletir sobre a realidade na qual a comunidade escolar está inserida.

O modelo escolar em vigor segue um padrão curricular e estrutural que não consegue mais dar conta da complexidade do mundo globalizado e tecnológico do século XXI. A filosofia não pode ser meramente ensinada através da troca de conhecimentos, como se professores e alunos vivessem em realidades distintas. Para o professor de filosofia da rede pública do Estado do Paraná, Luciano Ezequiel Kaminski, “o professor e o aluno são, simultaneamente, sujeito e objeto da disciplina”. Ele ainda afirma que “é preciso repensar o tempo da aula, a abrangência do conteúdo e os métodos de avaliação”¹⁰, pois o modelo engessado da educação básica brasileira apresenta-se como mais um obstáculo para o desenvolvimento e melhoramento do ensino de filosofia. Entretanto, poucos tiveram ou têm a autenticidade para alterar o atual modelo escolar para que se transforme em um ensino *inter, multi* e transdisciplinar não fragmentado.

Tal atitude seria genuinamente filosófica, pois apresentaria características típicas do pensamento filosófico. Segundo Karl Jaspers,¹¹ o problema crucial é que a filosofia aspira à verdade total, o que o mundo não quer. A filosofia é, portanto, perturbadora da paz.

Quem se dedica à filosofia põe-se à procura do homem, escuta o que ele diz, observa o que ele faz e se interessa por sua palavra e ação, desejoso de partilhar, com seus concidadãos, do destino comum da humanidade. Eis por que a filosofia não se transforma em credo. Está em contínua pugna consigo mesma.¹²

Pode-se, assim, perceber a razão da condenação de Sócrates, na antiguidade, da proibição da leitura de Karl Marx no Brasil durante a ditadura militar, quando, quase que totalmente a filosofia foi retirada dos currículos escolares. Tanto Sócrates quanto Marx foram e ainda são subversivos, perigosos, pois questionaram a realidade de sua época e fizeram surgir novas possibilidades de comportamento e de relação social. Do ponto de vista do poder estabelecido, eles mereceram a morte e/ou o banimento de suas obras.

¹⁰ Cf. YANO, C. “O desafio de lecionar filosofia”.

¹¹ Cf. JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. p. 138.

¹² JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. p. 138.

2. Resultados

Dada essa descrição, vale ressaltar aqui as características específicas da maneira como Sócrates interpelava os seus interlocutores. O professor Juarez Gomes Sofiste, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), chama esses procedimentos de *investigação dialógica* e afirma que “diálogo e investigação são os princípios pedagógicos e metodológicos usados por Sócrates para fazer filosofia”.¹³ De acordo com esse método, há a necessidade de se repensar também a ideia de aula. Assim sendo, aula (do grego *aulé*, espaço livre, e, do latim, *aula*, pátio) é tradicionalmente definida como o espaço físico no qual se sucede a lição pública ou particular de qualquer um dos ramos das ciências. Socraticamente falando, aula é um termo inadequado para o que deve ocorrer em um encontro para se fazer, para se viver e para se aprender filosofia.¹⁴ Para se comprovar isso, basta lembrar dos lugares e espaços físicos nos quais Sócrates, como narrado por Platão em seus diálogos socráticos, encontrava os seus amigos e conterrâneos para iniciar um diálogo. O modelo metodológico socrático, conforme apresentado por Juarez Gomes Sofiste,¹⁵ não combina com o modelo escolar vigente, pois, enquanto a pedagogia socrática é flexível e dinâmica, a atual estrutura escolar é rígida e estática.

[A] prática efetiva do método socrático possibilita colocar em ação o filosofar, uma vez que, do ponto de vista filosófico, podemos afirmar: a) o fundamento do método, o diálogo, supõe a natureza mesma do filosofar, no caso, desenvolvido comunitariamente; b) o método rompe com a lógica da afirmação, é garantia de liberdade intelectual e abertura da consciência frente às verdades constituídas, aos dogmatismos, totalitarismos e ideologias; c) o método não subtrai nenhuma ideia à livre discussão, é busca de fundamentação e verificação da validade dos raciocínios e d) é construção coletiva de conhecimentos com validade intersubjetiva.¹⁶

Assim, a utilização da metodologia socrática no ensino da filosofia pode produzir alguns bons resultados. Apesar da sua incompatibilidade com a estrutura do modelo escolar, ela pode ser uma ferramenta útil para produzir um diálogo crítico sobre o próprio modelo de escola existente. Ninguém está afirmando que se trata de uma atividade fácil. Modificar a atual estrutura escolar exige autenticidade, coragem e irreverência, isto é, uma atitude que até

¹³ SOFISTE, J. G. *Sócrates e o ensino da filosofia*. p. 87.

¹⁴ Cf. SOFISTE, J. G. *Sócrates e o ensino da filosofia*. p. 87.

¹⁵ Cf. SOFISTE, J. G. *Sócrates e o ensino da filosofia*. p. 39ss.

¹⁶ SOFISTE, J. G. *Sócrates e o ensino da filosofia*. p. 37.

hoje poucos tiveram. Esse tipo de experiência metodológica pode produzir como resultado atitudes de superação de problemas identificados na realidade sociocultural da comunidade escolar. Desidério Murcho, pesquisador do Centro para o Ensino da Filosofia, da Sociedade Portuguesa de Filosofia, apresenta uma analogia muito interessante sobre a aplicação do método socrático, isto é, a investigação dialógica. Ele afirma que,

ao contrário do que as pessoas pensam, o que há de realmente interessante na física para um físico, ou na música para um musicólogo, ou na história para um historiador, não é o amontoado de conteúdos que se aprendem ao longo de vários anos de ensino nos bancos do secundário e da faculdade, mas o que vem depois disso – as fronteiras do conhecimento, o que ainda não se sabe sobre a civilização minoica ou a revolução francesa, o que ainda não se sabe sobre a origem do universo ou a natureza dos *quarks*, o que ainda não se sabe sobre a natureza do ritmo ou da harmonia.¹⁷

De acordo com essa afirmação, os princípios dialógico e investigativo utilizados por Sócrates para filosofar não procuram produzir uma quantidade de conteúdos que deve ser aprendida, mas, pelo contrário, procuram produzir uma atitude crítica e investigativa capaz de solucionar e superar as adversidades encontradas no contexto escolar. Por isso, a filosofia deve ser vista como uma maneira de pensar, como uma atitude frente ao mundo. Ela não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado e fechado em si mesmo. Ela é, antes de tudo, uma teoria que procura pensar os acontecimentos para além de suas aparências. Assim, ela pode se voltar para qualquer objeto. Pode pensar a ciência, seus valores, seus métodos, seus mitos, pode pensar a religião, a arte, o próprio homem em sua vida cotidiana. Uma história em quadrinhos ou uma canção podem ser objetos da reflexão filosófica.

[A] pesar de tantas posições diferentes quanto à natureza da filosofia, há uma certa convergência entre os filósofos. A filosofia é uma atividade crítica, que consiste no estudo rigoroso dos conceitos mais básicos que usamos no dia-a-dia, nas ciências (humanas e da natureza), nas religiões e nas artes.¹⁸

Esse campo do saber é um jogo irreverente que parte do que existe, critica, coloca em dúvida, faz perguntas “inoportunas”, abre a porta das possibilidades, fazendo entrever outros mundos e modos de compreender a vida. Assim, a filosofia “incomoda”, pois questiona o modo de ser das pessoas, das culturas, as práticas políticas, científicas, técnicas, éticas, econômicas, artísticas, etc.

A curiosidade, o desejo, a procura de compreender tudo o que existe, é esse o incentivo e o intuito que levam ao filosofar, a perguntar os *porquês*. “Amar a sabedoria” é

¹⁷ MURCHO, D. *A natureza da filosofia e o seu ensino*. p. 25.

¹⁸ MURCHO, D. *A natureza da filosofia e o seu ensino*. p. 21.

esse o significado da própria palavra filosofia, tal como foi a ideia de Pitágoras e a quem se deve a origem do próprio termo. Para o filósofo francês, Jean-François Lyotard, “filosofar não é desejar a sabedoria, é desejar o desejo”.¹⁹

O desejo não põe em relação uma causa e um efeito, quaisquer que sejam eles; ele é o movimento de algo que vai no rumo daquilo que falta a si mesmo. Isso quer dizer que o *outro* [...] se faz presente àquilo que deseja, ele se faz presente aí sob a forma da ausência. Aquele que deseja tem aquilo que lhe falta, sem o que não o desejaria, e não o tem, não o conhece, senão ele também não o desejaria.²⁰

Nessa passagem, Jean-François Lyotard ressalta ainda mais a metodologia socrática, a qual, em nossa consideração, é um dos procedimentos mais adequados para serem utilizados em aulas de filosofia, sejam elas ministradas na educação básica ou no ensino superior. O diálogo presente nesse tipo de recurso é talvez o meio mais eficaz para despertar o interesse e a curiosidade, dos estudantes, dos professores, enfim, da comunidade escolar na tarefa comum de compreender o seu lugar e o seu papel na realidade em que vivem. E, a partir daí, para procurar soluções para os problemas do meio no qual a comunidade escolar está inserida.

Referências

ALVES, M.A. Filosofia e ensino: reflexões e experiências a partir do Subprojeto Filosofia - PIBID/UNIFRA. In: ALVES, M.A. & BORTOLUZZI, V.I. (Orgs.). **A relação entre ensinar e aprender a profissão docente: reflexões e ações do PIBID - Centro Universitário Franciscano**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2013, v. 1, p. 112-129.

BRASIL. “Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008”. In: **Diário Oficial da União**. Brasília, 03 de junho de 2008.

BRASIL. “Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996”. In: **Diário Oficial da União**. Brasília, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. “Portaria nº 72, de 09 de abril de 2010”. In: **Diário Oficial da União**. Brasília, 12 de abril de 2010.

DE PAULO, Antonio (ed.). **Lei de diretrizes e bases da educação (Lei 9.394/96)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

¹⁹ LYOTARD, J.-F. *Por que filosofar?* p. 39.

²⁰ LYOTARD, J.-F. *Por que filosofar?* p. 25-6.

FOLSCHEID, Dominique & WUNNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia filosófica**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GALLO, Silvio & DANELON, Márcio & CORNELLI, Gabriele. (Orgs.). **Ensino de filosofia: teoria e prática**. Ijuí: Unijuí, 2004.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1971.

KOHAN, Walter Omar (org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar (org.). **Políticas do ensino de filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **Por que filosofar?** Tradução de Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2013.

MURCHO, Desidério. **A natureza da filosofia e o seu ensino**. Lisboa: Plátano, 2002.

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino da filosofia**. Investigação dialógica: uma pedagogia para a docência de filosofia. Petropolis: Vozes, 2007.

YANO, Célio. “*O desafio de lecionar filosofia*”. In: *Ciência hoje*. (<<http://cienciahoje.uol.com.br/alo-professor/intervalo/2012/11/o-desafio-de-lecionar-filosofia>>, acessado em 31 de junho de 2014).

Aceito em 10 de dezembro de 2014